

Educar para a condição humana

A concepção de Edgar Morin e a educação religiosa

Elizabete Cristina da Costa¹

Resumo

O presente artigo desenvolve o tema educação e humanização segundo a concepção de Edgar Morin. Evidencia-se uma nova proposta epistemológica que supera o paradigma cartesiano e considera a uno-diversidade do ser humano e o desenvolvimento de uma consciência lúcida nesse sentido como pilares fundamentais para quem pretende educar para a condição humana. *Palavras-chave:* educação, humanização, complexidade e condição humana.

*Educating for the human condition:
the concept of Edgar Morin and religious education*

Abstract

This article develops the theme of education and humanization according to the concept of Edgar Morin. It presents a new epistemological proposal that overcomes the Cartesian paradigm and considers the “uno-diversidade” of human beings and the development of a lucid consciousness as fundamental pillars

¹ Mestranda em Ciências da Religião. Endereço eletrônico: elizabetedacosta@yahoo.com.br

for anyone who intends to educate for the human condition.

Key Words: education, humanization, complexity, human condition

Introdução

Os quatro pilares da educação indicados pela Unesco² sinalizam um aprender que envolve mais do que o processo ensino-aprendizagem tradicional, na qual o aspecto bancário³ é predominante. Especialmente *o aprender a conviver e a ser* indicam um salto para além da concepção educacional tradicional (na qual os aspectos mentalista e técnico eram tão fortes), evidenciando que a condição humana é bem mais complexa e dinâmica do que fora imaginado até num passado bem recente.

Este texto propõe-se a desenvolver o tema educação e humanização segundo a concepção de Edgar Morin, destacando a condição humana em sua complexidade e propondo a necessária revisão da missão educacional (religiosa ou não) se pretendemos educar para a condição humana.

1. Ensinar a condição humana: um saber necessário à educação religiosa

*Viver exige, de cada um, lucidez
e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente,
a mobilização de todas as aptidões humanas*⁴.

² Aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Texto construído segundo a proposta de Edgar Morin.

³ Referindo-me ao conceito “educação bancária” de Paulo Freire.

⁴ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p. 54.

Essas aptidões humanas sempre estiveram presentes no homem e na mulher? Donde vieram elas? Nascemos humanos ou nos tornamos humanos? Os escritos de Edgar Morin tratam da pergunta pelo ser humano. Quem é? Donde veio? É humano ou animal? Ou as duas coisas?

Morin procura respostas a essas perguntas e inicia sua jornada criticando o paradigma antropológico que separa e opõe as noções de homem e de animal, de cultura e de natureza, enfim, “de reino humano, síntese de ordem e de liberdade” oposto aos “distúrbios naturais (‘lei da selva’, impulsos descontrolados)”⁵. Morin não somente pergunta “por quem é o ser humano”, ele pergunta por “quem é o homem no mundo”?, procurando formular uma “antropocosmologia”⁶. Daí advém as aptidões humanas, da pergunta pelo ser humano que se humaniza no mundo, porém, não “num mundo fragmentado em três estratos sobrepostos e não-comunicantes: homem-cultura/vida-natureza/física-química”⁷, mas no cosmos, na Terra que é “a totalidade complexa físico-biológica-antropológica, onde a vida é uma emergência da história da Terra, e o homem, uma emergência da história da vida terrestre”⁸. Coloca-se a complexidade do que é ser humano: “a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana”.⁹

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura.¹⁰

⁵ MORIN, Edgar. *O enigma do homem*: para uma nova antropologia, p. 22.

⁶ Idem, p. 12.

⁷ Idem, p. 23.

⁸ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p. 40.

⁹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 51.

¹⁰ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p. 40.

O homem não nasceu humano, mas se tornou humano num constante processo de aprendizado, marcado por evoluções, adaptações e construção cultural. A educação contribuirá com a “aprendizagem da compreensão e da lucidez” e na “mobilização de todas as aptidões humanas”¹¹. Condições estas que, segundo Morin, devem ser continuamente regeneradas.

Infelizmente, no sistema educacional, as tradicionais estruturas curriculares e suas divisões em departamentos (ou áreas) e disciplinas têm promovido a fragmentação do conhecimento, desintegrando o processo educativo e a própria visão do ser humano e de suas aptidões. Torna-se necessário resgatar “a condição humana como o objeto essencial de todo o ensino”¹². Uma vez que o/a educador/a apenas transmite informações e mostra um mapa para a aprendizagem e que o conhecimento é construído pelo/a próprio/a educando/a, é necessário considerar seriamente a complexidade humana, bem como a complexidade do próprio processo educativo no século XXI. Um dos caminhos seria a “religação dos saberes”. Segundo Morin, “o ensino pode tentar, eficientemente, promover a convergência das ciências naturais, das ciências humanas, da cultura da humanidade e da Filosofia para a condição humana”¹³.

Essa é uma tarefa difícil; somente educadores/as lúcidos/as dão conta dela, pois faz-se necessária a emergência da consciência da unidade/diversidade humana, da complexidade humana. A consciência lúcida carece de “múltiplos conhecimentos e de um esforço de pensamento para articular esses conhecimentos”¹⁴ dispersos em várias disciplinas. A unidade da consciência humana somente é possível como “circuito/anel reflexivo”¹⁵, dado o fato de que a própria

¹¹ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p. 54.

¹² MORIN, Edgar. *Os sete saberes*, p. 15.

¹³ Idem, p. 46. O autor desenvolve também essa proposta em jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por ele na França e expressas no livro *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*.

¹⁴ MORIN, Edgar. *O Método 5*, p. 113.

¹⁵ Idem, *O Método 5*, p. 113.

consciência não é uma instância fixa e estável, mas sujeita aos possíveis erros humanos, pois é humana.

2. Condição humana e sua complexidade

*O tesouro da humanidade
está na diversidade criadora,
mas a fonte da sua criatividade
está na sua unidade geradora.¹⁶*

A capacidade de produção simbólica, de construção cultural, de pensamento e consciência, de planejamento da vida, nos distancia dos demais animais. Entretanto, nossa animalidade também faz parte de nossa constituição, sem ela, não somos, não existimos. Somos parte da natureza. Morin adverte-nos para o fato de nossa condição cósmica, física, terrestre e ao mesmo tempo humana¹⁷.

Nossa animalidade é testemunhada pelo nosso enraizamento no cosmos e nossa humanidade testemunha nossa possibilidade de alçar vôo e de desenraizarmo-nos.¹⁸

Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste 'além' que tem lugar a plenitude da humanidade.¹⁹

¹⁶ MORIN, Edgar. *O Método 5*, p. 66.

¹⁷ Cf. Edgar MORIN, *Os sete saberes*, p. 15, 48-52.

¹⁸ Morin também tratará do enraizamento cósmico e da hominização em *O Método 5*, p. 25-34.

¹⁹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes*, p. 51.

No humano do humano, Morin destaca a unidualidade biológica e cultural e os circuitos²⁰:

- cérebro/mente/cultura²¹, sendo cada um dos termos é necessário ao outro;
- razão/afeto/pulsão, em que as relações entre as três instâncias não são apenas complementares, mas também antagônicas;
- e indivíduo/sociedade/espécie: “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”²².

A visão unilateral que “define o ser humano pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*)”²³ deverá ser abandonada. Caracteres antagonistas estão presentes no ser humano; o delírio, o jogo, a imaginação e o consumismo também são partes constitutivas do ser humano. O ser humano é uno e diverso ao mesmo tempo, em sua individualidade e em sociedade.

Há uma unidade humana; uma diversidade humana. Há unidade na diversidade humana, diversidade na unidade humana. A unidade não está somente nos traços biológicos da espécie *homo sapiens*. A diversidade não está somente nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Há também uma diversidade, propriamente biológica, na unidade humana e uma unida-

²⁰ Esses circuitos são identificados, por Morin, como a trindade humana em O método 5, p. 51-56.

²¹ Em MORIN, cérebro é definido como o aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender; e mente como capacidade de consciência e pensamento sem cultura. Cf. Edgar MORIN, Os sete saberes necessários à educação do futuro, p. 52.

²² MORIN, Edgar. *Os sete saberes*, p. 55.

²³ Idem, p. 58.

de mental, psíquica, afetiva. Essa unidade/diversidade vai da autonomia ao mito.²⁴

O ser humano não consegue viver só de racionalidade, autonomamente. Ele carece do afetivo, do lúdico, do imaginário tal qual é capaz de objetividade e racionalidade, ele é *homo complexus*²⁵. Entretanto a educação formal, na maioria das vezes, privilegiou a racionalidade²⁶ e ignorou as aptidões lúdicas, imaginárias e míticas no processo de ensino-aprendizagem.

Morin, ao considerar o aspecto mítico do ser humano, introduz o tema da noosfera que diz respeito ao “mundo vivo, virtual e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, idéias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura”²⁷. Mitos e idéias originam-se em nossas mentes e ganham consistência e poder, “não somos apenas possuidores de idéias, somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma idéia”²⁸. Na verdade, Morin entende que “somos os criadores e criaturas do reino do mito, da razão, da técnica, da magia”²⁹.

À educação cabe ajudar as mentes a se movimentarem na noosfera, entendendo que mitos e idéias são meios de comunicação, mas também podem tornar-se meios de ocultação.

No ser humano, “o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico, técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético”³⁰. O estudo da complexidade humana será

²⁴ MORIN, Edgar. *O método 5*, p. 65.

²⁵ Idem, p. 140.

²⁶ Paradigma cartesiano.

²⁷ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p. 53-54. Morin também trata do tema noosfera em *O método 5*, p. 44.

²⁸ Idem, p. 53.

²⁹ MORIN, Edgar. *O método 5*, p. 50.

³⁰ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 59.

uma das vocações da educação do século XXI, sendo necessária e urgente “a re-ligação dos saberes”.

3. Uma nova perspectiva para a educação religiosa

*A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre*³¹.

O modo de pensar cartesiano levou à divisão do conhecimento em diversos saberes ou áreas e produziu especialidades – que são importantes e servem para usos técnicos. Entretanto, o predomínio de uma visão mecanicista, quantitativa e formalista é um risco para a condição humana quando “ignora, oculta ou dilui tudo que é subjetivo, afetivo, livre, *criador*”³². Educar para a condição humana é, antes de tudo, buscar compreender a condição humana, vislumbrando a possibilidade de uma vida melhor. É reconhecer a cultura humana em sua complexidade e respeitá-la, possibilitando, assim, a continuidade dessa construção iniciada há milhões de anos.

Compreender a condição humana também é um desafio para a educação religiosa ou cristã. Nesse sentido, resgato aqui mais um texto de Edgar Morin no qual ele apresenta o “Evangelho antievangélico”:

Não crer mais:

nas verdades absolutas e transcendentais;
em Deus;
na ciência-verdade;
na razão endeusada;
na salvação fora da terra e na salvação na terra.

³¹ MORIN, Edgar. *A Cabeça bem-feita*, p.11.

³² MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*, p.15. Em nota de rodapé.

Mas crer:

no além e no mistério;
nas certezas inseridas no tempo e no espaço;
na ciência que busca a verdade e luta contra o erro;
na razão aberta para o irracional e que luta contra o seu pior
inimigo: a racionalização;
nas verdades mortais, perecíveis, frágeis: vivas;
na conquista de verdades complexas contendo incertezas;
no amor e no carinho;
nos momentos de alegria fulgurantes, individuais e coletivos
(sempre relacionados com o amor e a fraternidade);
e (...) crer sem crer na humanidade.³³

Se deixarmos de crer, morreremos – a religião convive extremamente bem com esta preposição. Porém, a religião não convive bem com a seguinte proposição: se deixarmos de duvidar morreremos em nossa condição humana. Segundo Morin, “de agora em diante, só devemos crer em crenças que comportem a dúvida no seu próprio princípio”³⁴. Trata-se de uma nova perspectiva para a educação religiosa – se esta se resumir a ser defensora de verdades ou certezas absolutas, e para posturas educacionais que ainda estão presas ao raciocínio cartesiano como, por exemplo, quaisquer tipos de concepções fundamentalistas.

Outros, como, por exemplo, Paul Tillich, defendem ser parte da essência da fé a possibilidade da dúvida; em caso oposto, qualquer crença se tornaria demoníaca e idólatra. Esse pensar representa uma análise teológico-simbólica parecida com a conclusão de Morin. Ao re-assumir essa perspectiva, a educação religiosa estará assumindo a condição humana e contribuindo para o resgate do humano em sua complexidade e estará reafirmando a importância da fé, aqui compreendida como confiança além das certezas absolutas e objetivas.

A dúvida carrega em si a possibilidade do novo, a liberdade criadora. A dúvida reconhece a limitação das próprias perspectivas e

³³ MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*, p. 282-283.

³⁴ Idem, p. 277.

conclusões. A dúvida leva à abertura para com o outro na busca da multiplicidade de perspectivas, de experiências complementares. Novidade e liberdade são temas próprios do Evangelho – cuja “boa nova” é a proclamação da esperança de uma transformação no sentido de uma superação gradual, apesar da fragmentação do ser humano, da autopercepção limitada de sua condição, até o ponto da negação de suas mazelas. Positivamente dito: um nascer de novo é possível, mas necessita de espaços abertos, que comportem o desenvolvimento de novos saberes e, por consequência, o contínuo desenvolvimento humano em sua complexidade. Portanto, a educação religiosa também carece de uma “cabeça bem-feita”³⁵, precisa negar o anti-evangelho (a verdade imposta) e abrir-se à “novidade criadora” de vida – a proposta genuína de Jesus Cristo.

Considerações finais

Educar para a condição humana exige um esforço educativo no sentido de considerar a uno/diversidade do ser humano e o desenvolvimento de uma consciência lúcida nesse sentido. A lucidez está em dar relevância à complexidade humana, levá-la a sério, desenvolver um esforço educativo no sentido de religar os saberes até então compartimentados em áreas e disciplinas diversas e desconexas. Cabe aqui a metáfora do holograma – enxergar o todo na pequena parte e a pequena parte no todo.

A educação religiosa também tem a contribuir nesse processo, considerando em sua proposta a complexidade humana e esforçando-se para realmente educar para a condição humana – dando espaço à construção de novos saberes e à novidade de vida, superando os equivalentes religiosos de uma perspectiva cartesiana, tendo no seu jeito próprio de ser pensada e aplicada.

³⁵ Parafraseando MORIN.

Bibliografia

- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 7ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 128 p.
- _____. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Trad. Flávia Nascimento. 3ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 588 p.
- _____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 2ª edição, Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003, 312 p.
- _____. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, 227 p.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya, 8ª edição, São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003, 118 p.
- _____. *Para sair do século XX*. Trad. Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 361 p.